

Novo lago, com 110km², dará

quarta-feira, 13/8/86 □ 1º caderno □ 17

água e energia a Brasília

Ricardo Amaral

Brasília — O líder espiritual da seita Vale do Amanhecer, Mário Sassi, num encontro com o governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira, na semana passada, colocou um obstáculo ao projeto do governador de transferir todos os esotéricos de Brasília para uma cidade especialmente construída para recebê-los:

— Vamos ter que consultar a tia Neiva sobre a transferência — avisou Sassi.

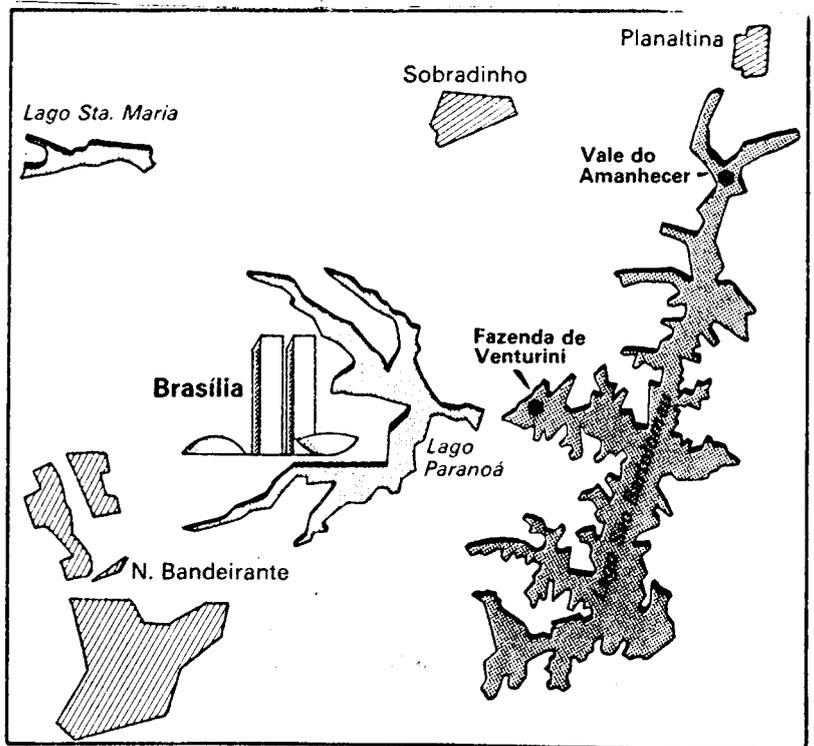
Sem demonstrar estranheza pelo fato de tia Neiva, a fundadora da seita à qual se referia Sassi, já ter passado desse mundo para outro no ano passado, José Aparecido respondeu na bucha: "Consulte rápido porque a área vai ser mesmo inundada."

Naquele diálogo foi tomada a decisão política mais importante da história do Distrito Federal, exceto, é claro, a própria decisão de se construir Brasília, tomada há 30 anos pelo presidente Juscelino Kubitschek. O governo do Distrito Federal vai formar um lago que, em 1982, terá 2 bilhões 700 milhões de metros cúbicos e um espelho d'água de 110 quilômetros quadrados.

Debaixo dessa água naufragarão o Vale do Amanhecer, 28 loteamentos clandestinos, 24 mineradoras de cascalho e uma quantidade ainda não calculada de propriedades rurais, entre elas a fazenda do ministro para Assuntos Fundiários e secretário do Conselho de Segurança Nacional do governo Figueiredo, general Danilo Venturini.

Quando decidiu criar a cidade esotérica, José Aparecido, católico, não pretendia apenas agradar as entidades do além. Estava, como se diz em Minas onde nasceu, "com um olho no padre e outro na missa". Movia o governador a necessidade de retirar, em paz, os esotéricos que hoje ocupam a área a ser inundada pelo novo lago, batizado São Bartolomeu, nome do rio que dará origem à represa.

Para os demais ocupantes da área — que não gozam do privilégio de falar com extraterrenos — haverá apenas um interlocutor: a Justiça. Toda a área do lago, "com exceções marginais", como afirma o diretor superintendente da Caesb (Companhia de Águas e Saneamento de Brasília), William Penido, será ou já foi desapropriada. "Restará apenas o recurso de contestar as indenizações judicialmente, o que não impedirá obras do lago.



O lago S. Bartolomeu, muito maior que o Paranoá, terá duas hidrelétricas e solução para saneamento

O governo do Distrito Federal argumenta que há uma área de cinco mil quilômetros quadrados, a Oeste de Brasília, que tem vocação definida para a preservação desde 1891, e é nela que se fará o lago. 1891 foi o ano da Missão Cruis, a primeira que estudou, para o Governo da República, a possibilidade de se transferir para o Planalto Central a sede do governo. A área, hoje, tem o status de área de proteção ambiental, por decreto presidencial.

Ontem, o governador José Aparecido liberou Cz\$ 10 milhões para que a Caesb inicie o projeto que vai permitir, em seis meses, a abertura de uma licitação pública para a construção da barragem que vai originar o lago. O superintendente William Penido argumenta que, se os trabalhos não forem iniciados já, dentro de cinco anos não haverá água para a população de Brasília.

A cidade, projetada para ter 400 mil habitantes no ano 2 mil, já tem 1 milhão 700 mil habitantes, que consomem 5 mil 200 litros de água por segundo. A água de Brasília vem de duas grandes captações — Rio Descoberto e Santa Maria/Torto

— e outras doze pequenas fontes. Não há como encontrar outra, além do lago São Bartolomeu, que aumentará em 21 mil litros por segundo o volume de água à disposição dos brasilienses, que serão 4 milhões no ano 2000.

O São Bartolomeu, com um espelho d'água duas vezes e meia maior que o Lago Paranoá, famoso por suas mansões, vai permitir também um redimensionamento do sistema de esgotos da cidade e a construção de duas usinas hidrelétricas — as primeiras de Brasília, que depende da energia gerada em Furnas, Minas Gerais.

O São Bartolomeu, que tem uma extensão quase 20 vezes maior que a do Plano Piloto de Brasília, produzirá também uma importante alteração no microclima da Capital da República. A umidade relativa do ar de Brasília, que chega 20 por cento na estação mais seca, vai aumentar sensivelmente, diminuindo a irritação dos narizes brasilienses. Tudo isso a um custo de Cz\$ 1 bilhão 300 milhões, fora o preço das indenizações, dinheiro que o governador José Aparecido espera conseguir junto ao Banco Mundial e à Presidência da República.